



Em 14 de dezembro de 2002, o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva mostra o diploma que o habilita ao cargo de presidente da República. Foto: Roosevelt Pinheiro/ ABR



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o vice José Alencar sobem a rampa do Palácio do Planalto em 1º de janeiro de 2003. Foto: Wilson Dias/ ABR



Lula, já com a faixa presidencial e a primeira-dama, D. Marisa, acenam para população no desfile pela Esplanada dos Ministérios. Foto Victor Soares/ ABR



A V I T Ó R I A D A E S P E R A N Ç A

As eleições de 2002 e a conquista da Presidência da República

E, finalmente, o dia tão esperado chegou! As eleições de 2002 encerraram o primeiro grande ciclo histórico na vida do PT. Marcaram também o esgotamento do modelo neoliberal que, por detrás de uma ilusória estabilidade financeira, comprometeu gravemente a estrutura econômica do país, agravando sua situação social e colocando em risco suas perspectivas de futuro.

A vitória resultou da combinação do crescimento praticamente contínuo das votações do partido desde as suas origens com o aproveitamento de lições tiradas das experiências eleitorais anteriores. A estratégia de campanha buscava explorar ao máximo os pontos fortes do partido e da sua candidatura, diluir os fatores de resistências existentes contra eles em setores do eleitorado e catalisar o crescente descontentamento com a situação econômica, política e social do país.

Enfrentando os prognósticos daqueles que consideravam impossível a superação dos limites alcançados nas eleições anteriores, Lula foi escolhido pela quarta vez como candidato presidencial do PT, em prévia interna da qual também participou o senador Eduardo Suplicy.

As resoluções do XII Encontro Nacional realizado em dezembro de 2001, em Recife, estabeleciam a possibilidade da ampliação do arco de alianças a partidos ou setores partidários de centro que tivessem realizado oposição ao governo Fernando Henrique Cardoso. Com base nessas diretrizes, foi estabelecida coligação com o Partido Liberal (PL), que indicou o candidato a vice-presidente, o senador por Minas Gerais e empresário do setor têxtil José Alencar.



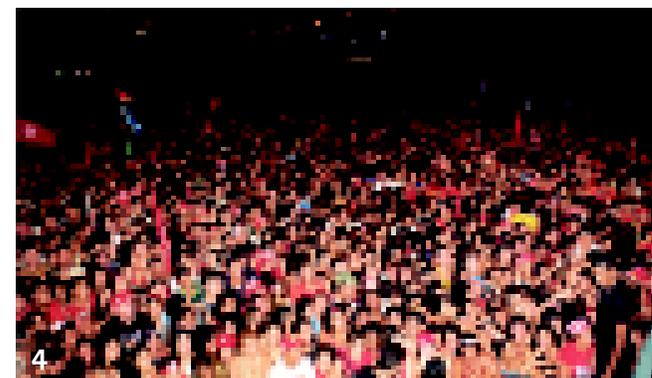
Arrastão Cultural no centro da cidade de São Paulo, dia 20 de agosto.
Foto: Olívio Lamas





A presença de Alencar na chapa presidencial – apoiada também por PCdoB, PMN e PCB – contribuiu para impulsionar o trabalho que o próprio PT já vinha realizando com o objetivo de conquistar a adesão de setores do empresariado ao projeto de retomada do crescimento econômico associado ao enfrentamento dos graves problemas sociais que afligem o país, como o desemprego e a fome.

A origem social dos candidatos a presidente e a vice expressava também a proposta de um “novo contrato social”, ensaiado ao longo da campanha nos debates de propostas com um amplo conjunto de organizações representativas dos mais diversos setores da sociedade brasileira. Como o próprio senador Alencar enfatizou repetidas vezes, esse processo se articula à luta em defesa da centralidade do trabalho e da produção, ameaçados pelo primado da economia virtual de base financeira.



1) Comício em Belém do Pará, dia 22 de outubro; 2 e 3) Lula reúne-se com artistas e intelectuais no Rio de Janeiro, dia 29 de agosto. Na foto 3 destacam-se, entre outros, Celso Furtado, Evandro Lins e Silva, Wagner Tiso e Sérgio Mamberti. 4) Comício em Belém do Pará, dia 22 de outubro. Foto: Olívio Lamas





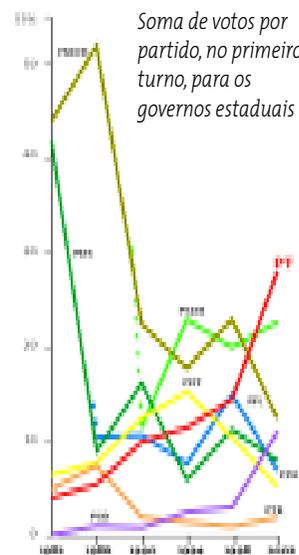
A eleição trazia também coincidências que indicavam bons presságios para Lula, a começar pelo fato de ocorrer exatos 13 anos após sua primeira candidatura, na histórica campanha de 1989. Em 2002, o primeiro e o segundo turnos foram marcados para as datas de aniversário do candidato: o primeiro para o dia que consta no seu registro de nascimento (6 de outubro) e o segundo para o dia em que realmente nasceu (27 de outubro).

Os presentes vieram na forma de votações consagradoras. Lula bateu o recorde de votos atribuídos a um candidato no primeiro turno, chegando a 39.443.765 (46,4% dos votos válidos).

No segundo turno, Lula confrontou-se com José Serra, que ocupara os cargos de ministro da Saúde e do Planejamento do governo Fernando Henrique Cardoso. Recebeu o apoio do terceiro e do quarto colocados, os ex-governadores Anthony Garotinho, do Rio de Janeiro, e Ciro Gomes, do Ceará, assim como de um amplo leque

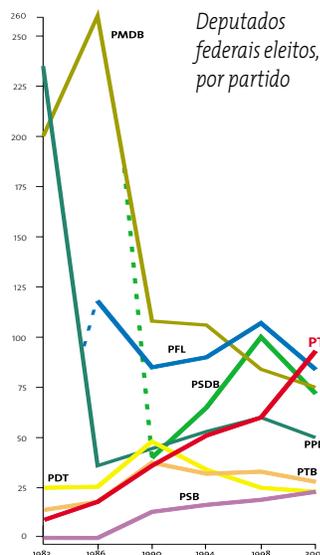
Um salto em 2002

O PT cresceu nos Estados, ao contrário do que se disse



O maior de todos

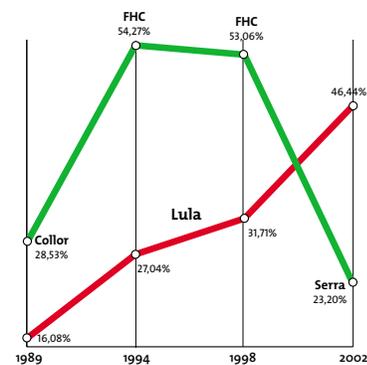
Em 2002, os conservadores caem; o PT é a maior bancada da Câmara Federal



A ascensão de Lula

Nas quatro eleições presidenciais das quais participou, Lula conquistou mais e mais votos

Votação de Lula comparada à de seus adversários, no primeiro turno



A linha pontilhada verde indica a criação do PSDB a partir do PMDB, em 1988. A linha pontilhada azul indica a criação do PFL, a partir do PDS, em 1985. O PDS incorpora partidos e se torna primeiro PPR, depois PPB.

Fonte: Reportagem – revista da oficina de informações/ TSE





1) Abraço à Sudene e caminhada no centro de Recife, dia 8 de julho; 2) Lula é sabatinado por jornalistas do jornal *O Estado de S. Paulo*, fato que se repetiria nos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, dia 24 de setembro; 3) Em Salvador, Lula visita a comunidade onde atua o grupo Ilê Aiê, dia 9 de setembro; 4) Debate "A Universidade e a eleição presidencial", na UnB, dia 4 de setembro; 5) Lula com Luiz Lourenço, presidente da Cooperativa Cocamar, em Maringá, Paraná, dia 4 de julho; 6) Lula encontra-se com lideranças indígenas em Manaus, dia 23 de agosto; 7) Encontro das mulheres da coligação Lula Presidente, dia 17 de agosto. Destaque para Lélia Abramo ao lado de Lula, uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores. Fotos: Olívio Lamas





de partidos e de lideranças políticas dos mais diversos matizes. Concluída a apuração, foi proclamado o 39º brasileiro a ocupar o cargo de presidente da República, com a marca de 52.793.364 votos (61,27% dos votos válidos), a maior votação nominal já registrada nas 19 eleições diretas para o cargo na história do país e a segunda maior já atribuída a um candidato em todo o mundo.

As votações dos candidatos a governador do partido também cresceram na grande maioria dos estados, e três deles foram eleitos. No primeiro turno, Jorge Viana conquistou a reeleição no Acre, com 63,58% dos votos válidos, e Wellington Dias foi eleito no Piauí com 50,9%. No segundo turno, Zeca do PT foi reeleito em Mato Grosso do Sul, e o partido disputou mais sete unidades da Federação (Amapá, Ceará, Distrito Federal, Pará, Rio Grande do Sul, Sergipe e São Paulo), em muitas das quais era dada como certa a eleição de outro candidato já no primeiro turno. Além disso, em quatro dos maiores colégios eleitorais (Bahia, Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro), os candidatos petistas ficaram em segundo lugar com expressivas votações, embora não tenha chegado a ocorrer segundo turno.

Uma indicação clara da consistência do crescimento do PT foi o seu desempenho na eleição de parlamentares, que superou as mais otimistas expectativas. O partido elegeu a maior bancada federal, 91 deputados, o que representou crescimento de 51,6 % em relação aos 60 eleitos em 1998. Duplicou sua representação no Senado, de 7 para 14, com a eleição de 10 senadores, entre eles Aloizio Mercadante, que recebeu em São Paulo o recorde histórico nacional



Lula recebe a Medalha JK, em Diamantina, Minas Gerais, dia 12 de setembro.
Foto: Olívio Lamas



Comício em Belo Horizonte, Minas Gerais, dia 28 de setembro. Detalhe para o livro *Imagens da luta*, com fotos da trajetória sindical de Lula.
Foto: Olívio Lamas





de 10.491.435 votos. Saltou ainda de 92 para 147 deputados estaduais, o maior número entre todos os partidos brasileiros, tornando-se a única agremiação com representantes nos parlamentos de todas as unidades da Federação.

Um dado qualitativo da maior relevância nesse crescimento parlamentar diz respeito à representação feminina. O PT elegeu 14 deputadas federais, um terço do número total de mulheres eleitas para a Câmara. No Senado, as seis representantes petistas passam a constituir, 43% da bancada do partido.

A conquista da Presidência da República e a consolidação do PT como a maior força política nacional foram saudadas por imensas celebrações nas ruas, sem precedentes na história eleitoral do país. A eleição do primeiro presidente de origem popular marca um singular momento histórico, em que “a esperança venceu o medo”. Demonstra também que o povo brasileiro já está maduro para se autogovernar e que a nação, recusando o legado de séculos de opressão e exploração, dá os primeiros passos rumo a um futuro condizente com os seus imensos potenciais naturais e humanos.



Comício em Florianópolis,
Santa Catarina, dia 23 de
outubro. Foto: Olívio Lamas



Trechos de documentos da eleição presidencial 2002

Carta ao povo brasileiro

O Brasil quer mudar. Mudar para crescer, incluir, pacificar. Mudar para conquistar o desenvolvimento econômico que hoje não temos e a justiça social que tanto almejamos. Há em nosso país uma poderosa vontade popular de encerrar o atual ciclo econômico e político. [...]

O sentimento predominante em todas as classes e em todas as regiões é o de que o atual modelo esgotou-se. Por isso, o país não pode insistir nesse caminho, sob pena de ficar numa estagnação crônica ou até mesmo de sofrer, mais cedo ou mais tarde, um colapso econômico, social e moral.

O mais importante, no entanto, é que essa percepção aguda do fracasso do atual modelo não está conduzindo ao desânimo, ao negativismo, nem ao protesto destrutivo. Ao contrário: apesar de todo o sofrimento injusto e desnecessário que é obrigada a suportar, a população está esperançosa, acredita nas possibilidades do país, mostra-se disposta a apoiar e a sustentar um projeto nacional alternativo, que faça o Brasil voltar a crescer, a gerar empregos, a reduzir a criminalidade, a resgatar nossa presença soberana e respeitada no mundo. [...]

O novo modelo não poderá ser produto de decisões unilaterais do governo, tal como ocorre hoje, nem será implementado por decreto, de modo voluntarista. Será fruto de uma ampla negociação nacional, que deve conduzir a uma autêntica aliança pelo país, a um *novo contrato social*, capaz de assegurar o crescimento com estabilidade. [...]

Estamos conscientes da gravidade da crise econômica. Para resolvê-la, o PT está disposto a dialogar com todos os segmentos da sociedade e com o próprio governo, de modo a evitar que a crise se agrave e traga mais aflição ao povo brasileiro.

Superando a nossa vulnerabilidade externa, poderemos reduzir de forma sustentada a taxa de juros. Poderemos recuperar a



Na abertura da Conferência Nacional para a elaboração do Programa de Governo, dia 22 de junho, Lula faz a leitura da “Carta ao Povo Brasileiro”. Foto: Olívio Lamas



capacidade de investimento público tão importante para alavancar o crescimento econômico. Esse é o melhor caminho para que os contratos sejam honrados e o país recupere a liberdade de sua política econômica orientada para o desenvolvimento sustentável.

Ninguém precisa me ensinar a importância do controle da inflação. Iniciei minha vida sindical indignado com o processo de corrosão do poder de compra dos salários dos trabalhadores. Quero agora reafirmar esse compromisso histórico com o combate à inflação, mas acompanhado do crescimento, da geração de empregos e da distribuição de renda, construindo um Brasil mais solidário e fraterno, um Brasil de todos. [...]

O que nos move é a certeza de que o Brasil é bem maior que todas as crises. O país não suporta mais conviver com a idéia de uma terceira década perdida. O Brasil precisa navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social. É com essa convicção que chamo todos os que querem o bem do Brasil a se unirem em torno de um programa de mudanças corajosas e responsáveis.

Luiz Inácio Lula da Silva
São Paulo, 22 de junho de 2002



Passeata de lançamento da Coligação Lula Presidente, na cidade de São Paulo, dia 6 de julho. Foto: Olívio Lamas





União pelo Brasil

Meus amigos e minhas amigas do Brasil,
[...] Estamos diante de uma crise séria, uma crise que não é nova, mas que inegavelmente foi agravada depois de oito anos de uma política econômica totalmente equivocada, que resultou na menor taxa de crescimento econômico do nosso país nos últimos 50 anos. Mais grave: em vez de investir pesado na produção, na exportação e na geração de empregos, optou pela conta política do endividamento externo, fragilizando a nossa economia e expondo o Brasil à especulação financeira. É como aquele sujeito que gasta mais do que ganha, e todo fim do mês vai ao banco e toma um novo empréstimo, acreditando que assim o seu problema está resolvido. É claro que isso não pode dar certo. Como se não bastasse, o atual governo vendeu 76% do patrimônio do Brasil, com as absurdas privatizações.

Toda essa instabilidade econômica e a crise do dólar que você vê na televisão estão sempre, de uma forma ou de outra, ligadas a isso, da mesma maneira como os altos juros que o governo é obrigado a manter e a inflação que está perigosamente reaparecendo na nossa economia. Para você ter uma idéia do que isso tem significado para o nosso país, há oito anos, no início deste governo, a dívida pública brasileira era de R\$ 152 bilhões. Hoje é de R\$ 861 bilhões, um aumento de 466%. É uma grande bola de neve, em que pagamos empréstimos antigos com novos empréstimos, acrescidos sempre de novos juros. É por isso que falta dinheiro para os projetos sociais, para a saúde, para a educação, para a aposentadoria, para o salário mínimo e para os investimentos em infra-estrutura, como estradas, energia,



1) Comício em Caruaru, Pernambuco, dia 10 de setembro; 2) Carreata em Juiz de Fora, Minas Gerais, dia 21 de setembro; 3) Comício na Praia de Botafogo, Rio de Janeiro, dia 26 de setembro. Fotos: Olívio Lamas





1) Comício em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, dia 30 de setembro; 2) Comício em Manaus, dia 23 de agosto; 3) Lançamento do Programa de Governo para Combate ao Racismo, em Salvador, dia 9 de setembro. Fotos: Olívio Lamas

moradia popular e saneamento básico. Esta é a mais absoluta verdade sobre a crise econômica brasileira e quem disser outra coisa está querendo enganar você. [...]

Não sou um homem só e não pretendo, se eleito presidente da República, governar o Brasil sozinho. Se este é um país de todos, todos serão convocados a ajudar e a se comprometer em fazer a sua parte. O meu governo será um governo de paz, sem mágoa e sem rancor, e terá como marcas registradas o entendimento e a negociação. Mais do que nunca será preciso fazer um pacto, numa autêntica união pelo Brasil, alicerçado no planejamento de longo prazo para as políticas públicas. Se houver sacrifícios, serão sacrifícios para todos; quando houver benefícios, serão repartidos entre todos. Não será como sempre aconteceu neste país, em que o benefício era para poucos e o sacrifício, para muitos.

Quero dizer a vocês, homens e mulheres do Brasil, que fiquem otimistas. Sempre enfrentei desafios na minha vida, desde o dia em que nasci, e sempre consegui vencer todos, um a um. A prática de negociar exaustivamente em busca de consenso, tão utilizada pelo Partido dos Trabalhadores, me fez um homem paciente e, sobretudo, de diálogo. Por tudo isso, o meu governo será um governo de paz, que não perseguirá outro objetivo a não ser o respeito e a vontade do povo brasileiro.

Luiz Inácio Lula da Silva
Pronunciamento veiculado no programa
eleitoral de 20 de outubro de 2002





Compromisso com a mudança

Ontem, o Brasil votou para mudar. A esperança venceu o medo e o eleitorado decidiu por um novo caminho para o país. Foi um belo espetáculo democrático que demos ao mundo. Um dos maiores povos do planeta resolveu, de modo pacífico e tranqüilo, traçar um rumo diferente para si.

As eleições que acabamos de realizar foram, acima de tudo, uma vitória da sociedade brasileira e de suas instituições democráticas, uma vez que elas trouxeram a alternância no poder, sem a qual a democracia perde a sua essência. [...]

A nossa chegada à presidência da República é fruto de um vasto esforço coletivo, realizado, ao longo de décadas, por inúmeros democratas e lutadores sociais. Muitos dos quais, infelizmente, não puderam ver a sociedade brasileira, e em especial as camadas oprimidas, colherem os frutos de seu árduo trabalho, de sua dedicação e sacrifício militante.

Estejam onde estiverem, os companheiros e as companheiras que a morte colheu antes desta hora, saibam que somos herdeiros e portadores do seu legado de dignidade humana, de integridade pessoal, de amor pelo Brasil e de paixão pela justiça. Saibam que a obra de vocês segue conosco, como se vivos estivessem, e é fonte de inspiração para nós que seguimos travando o bom combate. O combate em favor dos excluídos e dos discriminados. O combate em favor dos desamparados, dos humilhados e dos ofendidos.

Quero homenagear aqui os militantes anônimos. Aqueles que deram seu trabalho e dedicação, ao longo de todos esses anos, para que chegássemos aonde chegamos. Nas mais longínquas regiões do país, eles jamais esmoreceram. Aprenderam, como eu, com as derrotas. Tornaram-se mais competentes e eficazes na defesa de um país soberano e justo.



“Que ninguém mais ouse duvidar da classe trabalhadora”, diz Lula, emocionado, ao lado de Marisa, na caminhada de encerramento do 1º turno da campanha presidencial, dia primeiro de outubro, em São Bernardo do Campo. Foto: Olívio Lamas





Celebro hoje aqueles que, nos momentos difíceis do passado, quando a nossa causa de um país justo e solidário parecia inviável, não caíram na tentação da indiferença, não cederam ao egoísmo e ao individualismo exacerbado. Todos aqueles que conservaram intacta a sua capacidade de indignar-se perante o sofrimento alheio. Souberam resistir, mantendo acesa a chama da solidariedade social. Todos aqueles que não desertaram do nosso sonho, que às vezes sozinhos nas praças deste imenso Brasil ergueram bem alto a bandeira estrelada da esperança.



Comício em Belém do Pará, dia 22 de outubro. Foto: Olívio Lamas

Mas esta vitória é, sobretudo, de milhares, quem sabe milhões, de pessoas sem filiação partidária que se engajaram nessa causa. É uma conquista das classes populares, das classes médias, de parcelas importantes do empresariado, dos movimentos sociais e das entidades sindicais que compreenderam a necessidade de combater a pobreza e defender o interesse nacional. [...]

Meu primeiro ano de mandato terá o selo do combate à fome. Um apelo à solidariedade para com os brasileiros que não têm o que comer. Para tanto, anuncio a criação de uma Secretaria de Emergência Social, com verbas e poderes para iniciar, já em janeiro, o combate ao flagelo da fome. Estou seguro de que esse é, hoje, o clamor mais forte do conjunto da sociedade. Se, ao final do meu mandato, cada brasileiro puder se alimentar três vezes ao dia, terei realizado a missão de minha vida. [...]

O trabalho é o caminho de nosso desenvolvimento, da superação dessa herança histórica de desigualdade e exclusão social. Queremos constituir um amplo mercado de consumo de massas que dê segurança aos investimentos das empresas, atraia investimentos produtivos internacionais e represente um novo modelo de desenvolvimento, e compatibilize distribuição de renda e crescimento econômico.





A construção dessa nova perspectiva de crescimento sustentado e de geração de emprego exigirá a ampliação e o barateamento do crédito, o fomento ao mercado de capitais e um cuidadoso investimento em ciência e tecnologia. Exigirá também uma inversão de prioridades no financiamento e no gasto público, valorizando a agricultura familiar, o cooperativismo, as micro e pequenas empresas e as diversas formas de economia solidária.

O Congresso Nacional tem uma imensa responsabilidade na construção dessas mudanças que irão promover a inclusão social e o crescimento sustentado. Por isso, estarei pessoalmente empenhado em encaminhar para o Congresso as grandes reformas que a sociedade reclama: a reforma da previdência social, a reforma tributária, a reforma da legislação trabalhista e da estrutura sindical, a reforma agrária e a reforma política. O mundo está atento a esta demonstração espetacular de democracia e participação popular ocorrida na eleição de ontem. É uma boa hora para reafirmar um compromisso de defesa corajosa de nossa soberania regional. E o faremos buscando construir uma cultura de paz entre as nações, aprofundando a integração econômica e comercial entre os países, resgatando e ampliando o Mercosul como instrumento de integração nacional, e implementando uma negociação soberana frente à proposta da ALCA. Vamos fomentar os acordos comerciais bilaterais e lutar para que uma nova ordem econômica internacional diminua as injustiças, a distância crescente entre países ricos e pobres, bem como a instabilidade financeira internacional que tantos prejuízos tem imposto aos países em desenvolvimento.

Nosso governo será um guardião da Amazônia e da sua biodiversidade. Nosso programa de desenvolvimento, em especial para essa região, será marcado pela responsabilidade ambiental.

Queremos impulsionar todas as formas de integração da América Latina que fortaleçam a nossa identidade histórica, social e cultural. Particularmente relevante é buscar parcerias que permitam um combate implacável ao narcotráfico, que alicia uma parte da juventude e alimenta o crime organizado.

Nosso governo respeitará e procurará fortalecer os organismos internacionais, em particular a ONU e os acordos internacionais relevantes, como o Protocolo de Kyoto, e o Tribunal Penal Internacional, bem como os acordos de não-proliferação de armas nucleares e químicas. Estimularemos a idéia de uma globalização solidária e humanista, na qual os povos dos países pobres possam reverter essa estrutura internacional injusta e excludente.

Não vou decepcionar o povo brasileiro. A manifestação que brotou ontem do fundo da alma dos meus compatriotas será a minha inspiração e a minha bússola. Serei, a partir de 1º de janeiro,





o presidente de todos os brasileiros e brasileiras, porque sei que é isso que esperam os eleitores que me confiaram o seu voto. [...]

Continuaremos a ter atuação decidida no sentido de unir as diversas forças políticas e sociais para construir uma nação que beneficie o conjunto do povo. Vamos promover um Pacto Nacional pelo Brasil, formalizar o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, e escolher os melhores quadros do Brasil para fazer parte de um governo amplo, que permita iniciar o resgate das dívidas sociais seculares. Isso não se fará sem a ativa participação de todas as forças vivas do Brasil, trabalhadores e empresários, homens e mulheres de bem.

Meu coração bate forte. Sei que estou sintonizado com a esperança de milhões e milhões de outros corações. Estou otimista. Sinto que um novo Brasil está nascendo. Muito obrigado.

Luiz Inácio Lula da Silva

Pronunciamento realizado em 28 de outubro de 2002



Milhares de pessoas presentes na festa da vitória, dia 28 de outubro, na Avenida Paulista, em São Paulo. Foto: Olívio Lamas



Lula faz pronunciamento à Nação após o resultado oficial da eleição, dia 28 de outubro. Foto: Olívio Lamas

